



Piccole Suore Missionarie della Carità
(Opera Don Orione)
Casa generale
Via Monte Acero, 5 – 00141 Roma
www.suoredonorione.org



Prot. MG 51/21

*“Jesus nos chama ao presépio, como um dia
chamou os pastores: à escola de Belém”
(Dom Orione)*

Queridas Irmãs,

já estamos no início de um novo ano litúrgico e iniciamos o Tempo do Advento que nos oferecerá, mais uma vez, a oportunidade de reviver o grande mistério da Encarnação do Filho de Deus e de abrir as portas a um novo ano.

Este ano que encerramos foi repleto de experiências espirituais tanto da Igreja como da Congregação.

Em primeiro lugar, o Ano dedicado a São José aproximou-nos da figura deste grande homem e fez-nos redescobrir não só as suas virtudes, mas também a profundidade da sua humanidade e da sua fé. Acredito que todos nós sentimos que nos tornamos mais “amigos” deste santo e que, a partir de agora, contaremos muito mais com sua proteção e poderosa intercessão no coração de Deus.

A abertura dos trabalhos preparatórios do Sínodo, que colocam toda a Igreja em um novo dinamismo e caminho de comunhão e sinodal, à luz do Concílio Vaticano II e do Magistério de Papa Francisco, é um forte apelo para que todos os cristãos sejam irmãos, e para construir estruturas de fraternidade e vida sinodal em todas as instituições dentro da Igreja.

E finalmente, como Família Orionita, vivemos e viveremos novamente um ano de forte espiritualidade missionária, olhando para a figura de Dom Orione, o seu entusiasmo rumo a novas terras, nas quais plantar a semente da caridade e da misericórdia, através suas filhas e seus filhos.

A memória dos 100 anos de sua chegada às terras da América Latina, o ano de preparação para o 150º aniversário de seu nascimento e a celebração de um Ano Vocacional Orionita, são acontecimentos muito fortes que reavivam nossa pertença ao carisma, entusiasmo missionário, amor à Congregação e à nossa vocação, fazendo-nos redescobrir a figura do nosso Fundador na sua força profética e apostólica, no seu amor profundo e autêntico por Deus, pela Igreja, pela humanidade.

São tantas as provocações que nos chegam destes contextos e destes acontecimentos, é um momento histórico marcado por realidades inéditas e desafios inevitáveis à nossa resposta como PIMC, no aqui e agora em que vivemos e evangelizamos.

É precisamente nestes contextos que nos inserimos agora para nos introduzir no novo Ano Litúrgico através do tempo do Advento e da celebração do Natal.

“Vamos à escola...!”

Honrando a nossa identidade orionita, olhemos estes tempos com coragem, com esperança e como possibilidade de encontrar novos caminhos para a caridade e a santidade.

Para nós, este é o momento favorável para o “foco” de nossa vida e de nossas obras. Portanto, gostaria de convidar a todas a “irem à escola”! Sim! Convido vocês a “irem à escola” todas juntas de novo: **Vamos à “escola de Belém”!**

Dom Orione nos estimula a ir à escola e ele vem conosco!

Vamos ouvi-Lo:

“Ah! Pensando no Natal, não é verdade que nos sentimos confusos e perdidos diante da imensurável bondade de Deus, que se tornou semelhante a nós, pela a união que fez a natureza divina com a humana?”

Ah, que nossos corações se despedaçem por tanto fogo e chama do amor de Deus, que Deus se enxertou no homem e o homem em Deus.

Ó suavíssimo e inestimável amor de Jesus na gruta de Belém, acompanha-me, guia-me e conduza-me à verdadeira escola da verdadeira doutrina de Jesus Cristo, à sua primeira e sublime escola em Belém!

Ensina-me o que é a pobreza voluntária, que eu professei e ainda não sei praticar: ensina-me, ó gruta sagrada de Belém, o que é a humildade, pela qual se vai a Deus e se pode agradar a Deus: ensina-me o amor do escondimento, enquanto eu sou tão presunçoso: Almas e Almas! ” (Scritti 51.210; Mar de Espanha - Minas Gerais, Brasil, 20 de dezembro de 1921).

Em outra carta, desta vez escrita de Buenos Aires, ele repetirá novamente este convite para aprender na "escola de Belém":

“E porque aprendemos a amá-lo sem reservas, sem interrupção e perfeitamente, ele quer instilar em nós o seu espírito e atrair-nos para a beleza da humildade, da pobreza, da caridade; ele quer estabelecer em nossos corações o reino dessas três grandes virtudes, sem as quais, meus filhos, nunca seremos verdadeiramente seus discípulos...” (Scritti, 88.117; Buenos Aires, 8.12.1935).

O que vamos aprender na “escola de Belém”?

Em primeiro lugar, numa "escola" existem "professores" ... e quem são os nossos "professores"?

Na sala de aula desta escola, ou seja, "um estábulo", são Maria, José e o pequeno Menino que nos dão um ensinamento profundo.

Eles nos ensinam não com aulas faladas, mas com o silêncio eloquente de sua vida e atitude.

O que eles nos ensinam? Se relermos as palavras de Dom Orione, o principal ensinamento que nos vem da "escola de Belém" são: a beleza da humildade, a beleza da pobreza e a beleza da caridade.

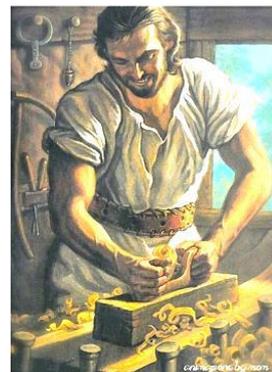
Portanto, vamos nos preparar e "ir para a escola", e com os sentimentos de Dom Orione nós também dizemos:

- ensina-me José "o que é a pobreza voluntária que tenho professado e que ainda não sei praticar" ...
- ensina-me Maria "o que é humildade, então você vai a Deus, e você pode agradar a Deus" ...
- ensina-me "Menino Jesus, o amor ao escondimento, embora eu seja tão pretensioso" ...

O ensinamento de José: pobreza

São José, de quem tanto recordamos neste ano a ele dedicado, quer nos ensinar a pobreza, a verdadeira pobreza. Pobreza que é laboriosidade: o humilde carpinteiro de Nazaré. Um homem que desde a juventude se formou no trabalho, no sacrifício, na responsabilidade... José viveu uma pobreza digna, feita de honestidade, desapego, serviço e justiça.

A pobreza de José não era miséria, nem passividade, nem mesquinhez; a pobreza de José não foi descuido, irresolução ou imprudência. Ele soube viver confiando em Deus, ciente de seus deveres de homem, de esposo, de pai adotivo, de trabalhador, de próximo, mas sempre sabendo que era uma criatura, filho do Altíssimo, instrumento de sua Providência.



Assim, José pôde ser "o homem certo" escolhido por Deus para sustentar e assumir a responsabilidade da Sagrada Família. A pobreza que José nos ensina é a de não guardar nada para si, mas oferecer tudo a Deus e se oferecer completamente, embora tenha que renunciar aos seus planos, aos seus ideais e aos seus desejos de futuro ao lado da noiva Maria.

A pobreza de José torna-o capaz de se destacar-se também dos seus raciocínios, do querer sempre ter razão, do querer impor as suas justificações ou ideias... para José ser "pobre" é ser "livre"!

Ainda mais, a pobreza de José atingiu sua expressão máxima em "confiar em Deus" mais do que das "evidências" quando o Verbo se fez carne no ventre de sua noiva. O "sim" de José é a expressão máxima da pobreza, e nesta "pobreza" Deus pôde realizar o seu desígnio de salvação. A pobreza de José era misturada da essencialidade!

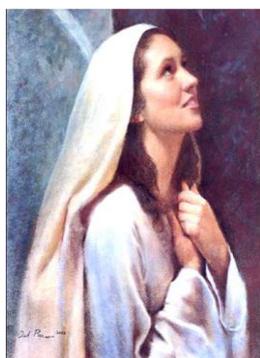
Agora José nos pergunta:

- E você, como está vivendo a pobreza, aquela que um dia professou publicamente? De que modo o seu "sim" cotidiano a torna "mais pobre" no sentido evangélico para ser mais rica de Deus, único tesouro?
- Quanto você confia na Providência Divina e quanto você confia nas coisas materiais? Quanto você é apegada às coisas, às funções ou às aparências?
- Quanto ao apego às suas ideias, às suas opiniões, aos prejuízos do passado, aos seus projetos, seus gostos... dificultando a pureza de sua entrega a Deus na "pobreza" e na "liberdade"?
- A sua vida, o seu ambiente de trabalho, o seu quarto, as suas necessidades... têm a essencialidade da "gruta de Belém"?

O ensinamento de Maria: a humildade.

Toda a vida de Maria fala de humildade, aquela que ela própria cantava: «o Todo-Poderoso olhou para a humildade de sua serva» (Lc 1,48). Então, Maria pode ser verdadeiramente "humilde", dizendo ela mesma que "é humilde"? Claro! Porque o ensinamento de Maria é aquele da "verdadeira humildade" que não tem nada a ver com a negação da própria verdade, com a negação dos dons que Deus lhe deu, com a negação do que Deus realizou nela.

A verdadeira humildade é a verdade! Maria se reconhece uma pequena serva, necessitada de Deus... Maria não se gloria na sua condição de "escolhida por Deus" como mãe do Messias, não se orgulha de ter sido elevada à imensa dignidade de ser a "Mãe de Deus". A humildade torna Maria próxima de todos, tornando-a capaz de criar um clima de comunhão, confiança, familiaridade, libertando-a do sentimento de superioridade e domínio sobre os outros.



A humildade de Maria é aquela da fé e da obediência confiante, através das quais o Onipotente pôde levar a salvação ao seu povo; a humildade de Maria é saber que ela é apenas "ponte", "canal", "tabernáculo" aberto, livre, puro... Portanto, Maria é humilde e nos ensina a verdadeira humildade, que é o caminho para chegar a Deus, a verdadeira humildade pela qual se pode "ir e agradar a Deus", como lemos nas palavras de Dom Orione.

A humildade é também o caminho para chegar ao outro, para caminhar com o outro, para servir o outro. Não se pode servir ao pobre com um senso de superioridade, não se pode tecer relações interpessoais com presunção ou um senso de domínio ou dominação, não se pode construir comunidades com arrogância ou autorreferencialidade, não se pode ter um relacionamento autêntico com Deus com hipocrisia e superficialidade. Isso não é humildade!

Só se pode "servir" aos outros com humildade! Só se pode ser "amiga" com humildade! Só se pode ser "irmã" com humildade! Só se pode ser verdadeiramente "de Deus" com humildade!

Agora Maria nos pergunta:

- O seu Fundador disse que através da "humildade se vai a Deus e se pode agradar a Deus": você está vivendo a humildade como verdade, na sua relação com Deus, na sua consagração e na sua vida espiritual?
- Como os outros podem ver em você a atitude de "humildade" que a torna capaz de criar comunhão, alegria e familiaridade ao seu redor? Outros podem dizer a você: "Bem-aventurado é você que acreditou"?
- Como você é "ponte" e "canal" capaz de se despir para que outros descubram Cristo?
- Como você vive a humildade como serviço generoso, com cordialidade, com autenticidade e dom, especialmente em sua comunidade?

O ensinamento de Jesus: o amor

São João deixou-nos a mais perfeita definição de Deus: "Deus é amor" (1 Jo 4, 16), e este ser de Deus tornou-se tangível na Encarnação do Filho, em Jesus. Toda a vida de Jesus foi uma "Epifania", uma manifestação humana do amor divino de Deus pela humanidade.

Por isso, Dom Orione diz com absoluta convicção: "Natal! Festa da caridade!... O Menino Jesus marcou e misturou sua festa com a caridade, com o amor" (Scritti 94, 195).

Na escola de Belém encontramos agora Jesus, um pequeno recém-nascido, nu, frágil, pobre, humilde, de braços abertos, como costumamos vê-lo em nossos presépios. Portanto, o ensinamento de Jesus na escola de Belém, é a caridade, uma caridade de "braços abertos".

Os "braços abertos" do Menino Jesus ensinam-nos, antes de tudo, a abraçar a Vontade do Pai na nossa fragilidade, nudez, pobreza e humildade. Os braços de Jesus, abertos na manjedoura e abertos na cruz, são o seu "Sim!", O Amém, à vontade de Deus sobre ele para a salvação de todos.



Os «braços abertos» do Menino Jesus ensinam-nos que amar é acolher, é acolher o outro como ele é e na condição em que se encontra, ensinam-nos a compaixão e a ternura de Deus. Ensinam-nos a abraçar, a elevar, a servir, a abrir-nos sem temores, sem discriminações, sem condições.

Jesus nos ensina que nossa caridade deve ter "braços abertos" e coração aberto; ensina-nos que as nossas comunidades devem ser lugares de "braços abertos" onde todos se sintam acolhidos e "em casa"; ensina-nos que a nossa missão deve ser uma missão de "braços e corações abertos", sem barreiras, sem preconceitos, sem limites e sem fronteiras de qualquer espécie.

Na escola de Belém, Jesus é o centro e o coração que sintetiza em si o ensinamento de Maria e de José. Jesus é o Mestre pobre, humilde e manso que nos ensina o amor do Pai e nos ensina a amar como o Pai.

Agora Jesus nos pergunta:

- E você, como sente na sua vida a força da caridade que é Deus e que é a fonte de tudo o que você é e faz?
- Como os seus braços e o seu coração estão abertos à Vontade do Pai, que hoje acolhe através da obediência que professou?
- Como você também é uma "epifania" de uma caridade de "braços abertos" com suas irmãs e com quem se encontra?
- Como você vive na sua comunidade a acolhida segundo o estilo da Família de Nazaré? Quão fraterna, afetuosa, educada, gentil e delicada você é com as irmãs, com quem chega aquelas que chegam ou estão passando?

- Quanto é capaz o vosso serviço apostólico de abraçar a todos, sem aborrecimentos, sem discriminação, sem fechamentos ou temores das novas batidas à porta da casa ou da Congregação?
- Como se compromete para que na Comunidade seja evidente que “o Natal é a festa da caridade!” Como diz o seu Fundador?

Queridas Irmãs!

Vamos à escola neste Advento, vamos à escola de Belém e, como os pastores e os pobres um dia, também hoje nós, docilmente, voltamo-nos para o ensinamento de José, Maria e Jesus, com vontade de "*aprender*", mas também para "*desaprender*" o que no caminho da vida pode ter retardado nosso passo em direção à plena realização de nossa vocação e de nossa missão; "*Desaprender*" o que, talvez, com o tempo e o hábito pode ter enfraquecido nas nossas relações fraternas, na experiência da pobreza, da obediência, da castidade, da caridade; "*Desaprender*" o que com a rotina da vida diária, pode ter enfraquecido a alegria, o entusiasmo, a generosidade do "primeiro amor"; "*Desaprender*" mesmo o que nas experiências dolorosas ou incompreensíveis da vida pode nos ter feito "*fechar os braços*", diminuir o coração ou desmotivar o nosso compromisso.

O Advento é uma nova oportunidade para "*ir à escola de Belém*" e recomeçar com fé, com esperança, com caridade.

Deus sempre nos dá uma nova chance! Não cabe a nós ficarmos diante do presépio apenas como espectadores, cabe a nós não perder esse tempo, não deixá-lo passar... A vida é muito curta e, como diz Dom Orione, "*o tempo que já passou, não o temos mais, o tempo que está por vir, não temos certeza de tê-lo: portanto, só este ponto do tempo presente nós temos, e mais não temos*" (Lo Spirito di DO, Vol. I, II. Nossa espiritualidade; 1. Um programa de vida).

Portanto, queridas irmãs: vamos juntas e vamos todas reencontrar-nos na "escola de Belém"!

Concluo com estas palavras ardentes do nosso querido Fundador, que é augúrio e ao mesmo tempo um convite a entrar no seu coração e a viver este tempo com os seus próprios sentimentos:

“Ó meus queridos filhos, prostrados com os pastores aos pés do Santo Menino, dizemos-Lhe: vinde, ó Jesus, toma posse e reina soberano em minha alma! Quero ser só Teu: tu és o meu Deus, vem, ou Jesus, vem! Eu Ouso estender as minhas mãos a Ti, coloco a minha vida e o meu coração aos teus pés: Tu és o meu Amor, Tu és a pulsação e a alma da minha alma: vem, ó meu Jesus, vem!” (Scritti, 88.117; de Buenos Aires, 8.12.1935).

Saúdo a cada uma com afeto fraterno, também em nome das Conselheiras e continuemos sempre unidas na oração, unidas como Irmãs na «escola de Belém» que assistiremos juntas neste tempo de Advento!

Vossa irmã,


Sr. M. Mabel Spagnuolo
Superiora geral

Roma, Casa Geral, 12 de novembro de 2021.